

A VOZ DE MELGAÇO

Chefe da Redacção e Editor

CARLOS ANTONIO VAZ

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA
Redacção e Administração R. da Calçada — Melgaço

Avença

Director e Administrador:

JULIO HILARIO VAZ

Custo da Assinatura Anual: 30\$00 — Estrangeiro: 70\$00

ANO XXI N.º 390

MELGAÇO, 1 de Dezembro de 1967

Uma grande obra! Pelo Hospital

Vão muito adiantados em Chaviães os trabalhos de readaptação da casa paroquial.

O projecto é da autoria do illustre architecto, Sr. Sampaio, filho do melgacense, Sr. Sampaio, distinto fotógrafo de arte, na capital. É um primor de gosto e arte.

A obra é da freguesia, é certo, mas temos de destacar a figura notável do seu pároco, Sr. Padre Lima, que há alguns anos preside aos destinos desta comunidade paroquial.

E também a gentil figura dum illustre melgacense, o Sr. Amadeu Abílio Lopes e de sua gentil esposa.

A freguesia de Chaviães fica a ser pioneira neste ramo de actividades, de que a Casa será o centro, no nosso concelho.

Ali serão preparadas as rapa-

rigas da freguesia, para onde virá uma Educadora Familiar, diplomada, para que a futura esposa e mãe leve para o seu lar os conhecimentos da casa e do lar que tanta falta fazem. Em salão próprio, haverá televisão, jogos, divertimentos, para que a juventude e todos os que o desejarem possam distrair-se honestamente. Outras obras vão ali ser criadas de utilidade para a freguesia e, como melgacenses, aplaudimos jubilosamente estas iniciativas que vão surgindo na nossa terra.

Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Dom António Ribeiro, visitou há dias esta casa, percorrendo-a e lembradamente e deu os seus parabéns ao digno pároco da freguesia, extensivos a todos os paroquianos.

Parabéns, Chaviães!

No último número escrevemos: — em França as religiosas de todas as ordens assistenciais fecham cada semana, uma nova casa. (Veja-se Messages, Paris), número de Outubro.

CANTINHO DOS NOSSOS ASSINANTES

Assinaturas pagas — Tiveram a bondade de pagar a assinatura de «A Voz» os srs. Manuel Domingues de Barros, 1967; José Simplicio Moreira, 1967; José Gonçalves, 1967; José Fernandes, 1967; José Maria Seixo, 1967; Lindolfo Gonçalves, 1967; Carlos Barbosa Martins, 1967; Carlos Lourenço, 1967; Francisco Pereira, 1967; Gaspar Passos de Almeida, 1966-1967; Jaime Máker Gonçalves, 1966-1967; José António Alves, 1967; Gustavo de Faro, 1967; D. Maria Leonídia Alves Baptista, 1966 e 1967; Abel Doureiro, 1967; António Fernandes, 1967; Arménio de Melo, 1967; Augusto de Jesus Pires, 1967; José Fernandes, 1967; Manuel Augusto Pinto, 1967; P. José Marques, 1967; José da Fonseca, 1967; Jaime Afonso, 1967; Henrique Fernandes Bermudes, 1967; António Matias Araújo, 1967; José Alves, 1967; D. Palmira Pires Teixeira, 1968; José Joaquim Monteiro, 1967; Alfredo Esteves Pereira, 1966; Alcindo Alves, 1967-1968; D. Maria Ester Ribeiro, de 1962 a 1967; António Quintela Gonçalves, de 1962 a 1967 e José Augusto Esteves, de 1964 a 1966.

Bem hajam todos.

Assinantes do estrangeiro em atraso — Já fizemos o aviso o ano passado e nem todos tiveram a bondade de anuir ao pedido feito: pedimos aos nossos estimados assinantes do estrangeiro o favor de liquidarem o débito em atraso, pois estamos a gastar cerca de dois contos de reis em despesas de correio e a administração não pode suportar tal encargo.

Este ano somos obrigados a

(Continua na 4.ª página)

Coisas da nossa terra

Uma batalha na Alcobaca

(Continuação)

Prosssegue o folheto:

«Com este aviso os Governadores mandaram marchar toda a gente para a fronteira do Porto da Cavaleiros, entendendo o lhe chegaria brevemente ordem do General para também por esta parte darem em o inimigo, como pela outra se fazia, e avistando o contrário mandaram fazer alto, e ao Sargento-Mor Simão Pita Porto Carreiro formar o esquadrão da nossa gente, o que fez com tanta diligência, e arte, que se podia dela tirar com brevidade as mangas e troças necessários.

Os inimigos estavam aquartelados em um lugar da Galiza, misto com outro deste Reino, ocupando uma alta montanha que chamam a do Facho, com

quatro redutos que davam a mão uns aos outros, com trincheiras e baluartes a espaços, e um deles capaz de 900 homens à cava ao redor, e aos lados intratável pela aspereza da serra, onde não podia ser de efeito peça alguma de artilharia, e por esta causa foram as peças para a Ponte das Várgeas onde o inimigo tinha outra participação pelo lombo de um monte que rodela aquela ponte de Portugal; um dos redutos era capaz de 600 homens, com quartéis e casas de telhado dentro.

Neste tempo o inimigo de Porto de Cavaleiros punha também a sua gente em ordem, assim nas trincheiras, meias luas, baluartes e redutos ordinários, como no maior que era uma grande fortaleza que

(Continua na 4.ª página)

Imaculada Conceição



DIA 8 DE DEZEMBRO!
FESTA DA IMACULADA
CONCEIÇÃO, PADROEIRA
DE PORTUGAL.

HONREMOS A RAINHA DO
CEU E DA TERRA COM AM-
LAZADE E FERVOR DE FILHOS
E DE SCDITOS.

Pelo Lar de S. José

A vida agrícola modificou-se agora bastante com a vinda dos novos caseiros, já nossos vizinhos e que tantas vezes nos socorriam nas nossas fainas da lavoura.

Estávamos últimamente, com dois dos nossos internados, a fazer toda a lavoura. Era muito, mas tudo foi indo, até que ali por volta de 10 de Setembro e princípios de Outubro, ambos se retiraram da nossa casa. Mas a verdade é que a lavoura fez-se, embora com certa dificuldade.

A vida cá dentro vai decorrendo com certa normalidade. Continuam aqui os dois velhinhos que já há muito não saíam da cama e mais outros dois, só com muita dificuldade. Aqueles que um dia tiveram em suas casas doentes entrevados farão uma ideia do que é a assistência a estes nossos queridos e infelizes irmãos. Pois cá vamos fazendo por eles tudo o que se pode.

Alguns melgacenses não sabem que estamos aqui e que estes nossos irmãos nos estão confiados a todos. E tantas nos esquecem. Fazem-se tantas festas com tanto dinheiro e não sobram 10\$00 para uma lembrança a estes velhinhos... Veem tantos de França e não nos conhecem!

O Sr. Abílio Domingues e Sua Ex.ma Esposa, de Prado, que, há anos, vivem nos arrendadores de Paris e que por várias vezes nos tinham mandado agasalhos e roupas para os nossos velhinhos, estiveram agora na nossa terra e deixaram-nos 210\$00. O menino Manuel da Costa, da Pombeira, Rouças, um rapaz, que como tantos, vai todos os anos para a França, e também, todos os anos, nos deixa a sua lembrança, agora mais 20\$00. Uma Senhora que não nos permite revelar o seu nome, da vila, 20\$00 e da Sr.a D. Leonor Rodrigues Teixeira, vila 20\$00.

A todos muito gratos, em nome destes nossos irmãos.

Padre Carlos

P. S. Já depois de terminada esta local chega-nos às mãos enviado pelo bom Amigo de sempre, o Senhor José de Sousa Monteiro e de sua Ex.ma Esposa, do Peso a oferta de 1.000\$00, para as nossas Casas de Caridade.

O Senhor José de Sousa Monteiro e sua estremecida esposa, nunca esquecem, nesta quadra do Natal, os nossos pobres e velhinhos. Pois que o

(Continua na 4.ª página)

CARTA DA VILA

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS — Acaba de chegar a primeira viatura para os nossos bombeiros.

Foi no dia 19, à tardinha, que ela surgiu nas ruas da Vila, com o seu som estridente, como que a anunciar a sua chegada.

O povo ocorreu às portas e janelas para ver passar, e não tardou que grande número de curiosos a rodeassem, quando do seu estacionamento, no largo em frente do Grémio da Lavoura.

Não faltaram comentários agradáveis, diga-se de passagem, e em todos os presentes se vislumbrou grande satisfação com o acontecimento.

Está de parabéns a Direcção e o Concelho que fica assim enriquecido e prestigiado com a nova aquisição.

O novo carro ainda não está completo, conforme a Direcção o pretende, para melhor eficiência dos serviços, e vai ser entregue brevemente a uma casa da especialidade para esse efeito.

Oxalá que o seu apetrechamento se não faça demorar e o possamos ver definitivamente no nosso quartel, onde os briosos soldados da paz o pretendem para sua utilização, mesmo sem que as circunstâncias o exijam.

ARMANDO RODRIGUES REGO — Após quatro anos no cumprimento da sua missão na nossa província ultramarina de Timor, regressou há dias dali o nosso amigo e conterrâneo sr. Armando Rodrigues Rego, Inspector da Polícia Internacional e de Defesa do Estado, acompanhado de sua esposa sra. D. Palmira da Luz Guimarães Rego e filha, menina Maria Mirandolina Guimarães Rego, estelante.

O sr. Inspector Rego tem sido, ao longo da sua carreira, um funcionário muito digno e que das pessoas do Minho que mais de perto e mais tempo, conviveu com Suas Ex.cias o Sr. Presidente da República e do Conselho.

No regresso dum trabalho muito delicado na nossa longínqua província de Timor fazemos votos por que a sua estadia no Continente seja longa.

FURTO DE UMA MOTORIZADA — Queixou-se no posto da G.N.R. desta vila, o sr. Amadeu Augusto Gomes, comerciante desta localidade, contra António da Silva, natural da Polvoeira, Guimarães e residente em Melgaço, acusando-o de que no dia 10 do mês passado, lhe furtou da porta do estabelecimento do sr. Albertino Domingues, onde estava estacionada, uma motorizada registada com o nome de Amadeu Augusto Gomes, marca «SACHS» cor azul, com a matrícula MLG-00-84, em estado de nova e com o número do

motor 5194565.

Roga-se a sua apreensão, detenção do seu portador, que já é reincidente nestes casos, e comunicar ao posto da G.N.R. de Melgaço, telf. 42346.

FALECIMENTOS — Faleceu nesta vila, no passado dia 20, o nosso amigo e conterrâneo sr. Manuel Luis Pinto Rodrigues (Manuel Macarrão), viúvo de 57 anos de idade.

O extinto, pessoa bastante conhecida nesta vila, na qual gozava de consideração e estima, era pai do nosso amigo sr. Miguel Henrique Gonçalves Pereira, comerciante, casado com a sra. Maria Moraes Esteves Pereira, irmão do sr. António Pinto Rodrigues e das senhoras Maria Aboendia Pinto Rodrigues e Glória do Nascimento Pinto Rodrigues e cunhado do sr. Francisco José Alves e da sra. Ana Cândida do Paço. O seu funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério local, tendo-se incorporado no feretro muitas pessoas de todas as categorias sociais, sendo a urna coberta com a bandeira dos Bombeiros Voluntários e acompanhada de piquete daquela prestigiosa Corporação, que prestou as devidas honras.

— Na sua residência do lugar de Galvão desta vila, faleceu no passado dia 23 o nosso conterrâneo sr. Artur Marinho, soldado da G.N.R. aposentado de 60 anos de idade, casado com a sra. Saturnina Rodrigues Marinho, pai das sras. Teresa Marinho e Isaura Marinho; sogro dos srs. Manuel Oceano de Sousa, guarda fiscal e Manuel Maria Pereira e irmão dos srs. Oscar Marinho, António Marinho, Eli-seu Marinho, João Marinho e das sras. Fausta Marinho, Vitalina Marinho, Adelina Marinho e Josefina Marinho. O extinto que durante o tempo que prestou serviço à corporação a que pertencia, foi sempre um funcionário exemplar, gozava da geral estima no meio em que vivia.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte com grande acompanhamento, sendo a urna coberta com a bandeira nacional, e acompanhada pelo sr. comandante do Posto da G. N. R. e praças e muitos amigos.

— Na sua residência do lugar da Aldeia, freguesia de Paderno, faleceu no passado dia 19 a bondosa senhora D. Purificação de Pinho Gonçalves, de 83 anos de idade, viúva do saudoso sr. Ladislau Gonçalves 1.º Cabo da Guarda Fiscal.

A extinta que pelas suas qualidades de carácter e bondade era muito estimada no meio em que vivia, era mãe dos srs. professores, Manuel Luis de Pinho Gonçalves e António de Pinho Gonçalves; sogra do sr. Antonino Napoleão Gonçalves

2.º sargento da Guarda Fiscal

e das sras. D. Dulcina Novos de Pinho Gonçalves e professora D. Evirilda do Céu Borges Gomes de Pinho Gonçalves. O seu funeral que se realizou no dia seguinte, com missa de corpo presente e officio foi largamente concorrido por centenas de pessoas de todas as categorias sociais, daquela localidade, desta vila e outras freguesias do concelho.

A todas as famílias em luto, manifestamos a expressão do nosso pesar.

CASAMENTOS — Na Basílica de Nossa Senhora do Sameiro, realizou-se no passado dia 19, o enlace matrimonial do sr. Manuel Afonso, proprietário do carro de praça da freguesia de Couso e sócio do «Nosso Café» desta vila, filho do sr. Amadeu Afonso e da sr. D. Maria dos Prazeres Dias, com a menina Maria Fernanda Vaz, filha do sr. professor Manuel Augusto Vaz e da sr. D. Alice Fernandes.

Foram padrinhos por parte do noivo o sr. Manuel José Alves e a menina Ilda Vaz, estudante do 7.º ano liceal em Coimbra e por parte da noiva seus tios sr. Dr. Abel Vaz, advogado em Valença e sua esposa sra. Dra. D. Maria Fernanda Neves Vaz, professora do Colégio daquela localidade.

No fim do acto, o cortejo nupcial dirigiu-se em grande número de automóveis para a Falperra, onde a conceituada Confeitaria «Benamor» da cidade de Braga, serviu um finíssimo «Copo d'agua», ao grande número de convidados, tendo vários amigos brindado pela felicidade dos nubentes.

Ao gentil casal que é dotado das melhores qualidades e simpatia, os nossos parabéns, desejando-lhe muitas felicidades e uma perene lua de mel.

— No Convento de Paderno, realizou-se no passado dia 26, o enlace matrimonial do sr. José Bento Garelha, filho do sr. Manuel Garelha e da sra. Rosa de Jesus Meleiro, com a menina Maria de Fátima Alves, filha do sr. Germano Alves e da sra. Amélia Augusta Garelha, ambos do lugar de Sante, daquela freguesia.

Foram padrinhos o primo e irmã do noivo sr. Manuel Alves Garelha e sra. Maria Alves Garelha. No fim do acto foi servido em casa do noivo um lauto jantar ao grande número de convidados.

Ao gentil casal desejamos muitas felicidades.

DR. VICTOR MANUEL RIBEIRO HENRIQUES — Acompanhado de sua esposa sr.ª D. Maria de Jesus Alves Henriques encontra-se na «Quinta da Barbosa» de visita a sua Ex.ma Família o Ex.mo Sr. Dr. Victor Manuel Henriques, Ilustre Desembargador da Relação de

(Continua na 4.ª página)

Parada do Monte

ANIVERSÁRIO — No dia 18 do corrente completou oito risonhas primaveras a menina Maria Fernanda Domingues, filha querida de Armando Vaz Domingues, e de sua esposa Rosa Veites de Carvalho, e neta do correspondente deste Jornal.

FALECIMENTOS — No dia 20 faleceu o Sr. Justino Afonso, do lugar do Coto do Paço. No dia 23 a Sr.ª Elisia Rodrigues do lugar do Paço. No dia 25 o Sr. Manuel Esteves de Bento, do lugar da Cortegada.

VIAJANTES — Vieram de França os Srs. Manuel Domingues Romão, Salvador Rodrigues, Manuel Esteves, do Coto, Manuel Rodrigues, Anibal José Veites, José Pires, Júlio Afonso, Carlos Alves, do Canadá veio o Sr. Ermindo Pires, do lugar de Cortegada.

NASCIMENTOS — Deu à luz uma criança do sexo masculino a Sr.ª Isaura Esteves, esposa de Sr. José Esteves, do lugar de Cortegada.

O TEMPO E A AGRICULTURA — Terminaram as esfolhadas do milho, que este ano, foi um ano abundante. Só não foi de batatas. Essas foi um ano escasso. Feijão também houve pouco. — C.

Correspondencia de Prado

(Continuação da 2.ª página)

graus ou rampas para o peixe subir, é também preciso evitar que qualquer droga seja acertada na água que destrua o repovoamento. Todos nós sabemos que o peixe procura água doce para desovar e quanto mais milhas percorrer mais aumenta a produção.

É dever de todos nós não descurar os importantes melhoramentos que se pedem. Temos espalhados pelo Mundo centenas de naturais deste concelho e distrito, é dever de todos empregar os máximos esforços, para aumentar a produção que tão necessário se torna visto a densidade da população.

Peçamos, pois, a todos aqueles que superintendem no que acabo de expor, para bem de todos que fazem parte da nação Portuguesa e Espanhola visto serem as duas beneficiadas. Tal missão está confiada a Suas Ex.cias os Capitães dos Portos de Caminha e de La Guardia, para proporem aos seus respectivos governos as alterações que julgarem por convenientes. Tudo que se pede já foi feito nos países nórdicos como seja no Canadá, América e em outros.

M. S.

Manuel António Ribeiro
SOLICITADOR
Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Cristóval, 29

Falecimento — Depois de grande sofrimento faleceu na sua residência, no lugar dos Casais, Manuel dos Santos Lemos, (o Manuel sapateiro). Paz à sua alma e pêsames à família enlutada.

Chegadas — Vindos da cidade de Toronto, Canadá, chegaram há poucos dias, a esta freguesia, onde se encontram junto dos seus familiares, Carlos de Abreu, sua esposa Júlia Fernandes, e sua netinha Paula Afonso, que quis acompanhar na viagem, seus avós maternos esperando que, no próximo verão, cheguem igualmente do Canadá, seus pais a abraçá-la.

— Espera-se para breve, a chegada de muitos rapazes a esta freguesia, que trabalham em terras de França, angariando meios de subsistência para si, e para os seus, querendo passar em conjunto, as Festas Nataficias do Divino Redentor.

— Ultimamente, tem sido pescadas muitas Trutas salmónidas de grande tamanho, assim como salmões de tamanho regular, à cana, no Rio Minho e confluência do Trancoso, por várias pessoas do nosso Concelho e de fora dele, chegando até a vir da Cidade do Porto, tendo algumas sido bem sucedidas, com bons exemplares. Isto tem causado grande admiração às pessoas da nossa região, pois segundo afirmam as mais familiarizadas com a pesca, e mais velhas, até aqui, ninguém sabia que o salmão se pescava à cana e linha.

Doente — Encontra-se internado num dos hospitais da Cidade do Porto o sr. Gonçalves Novo (o conhecido Gonçalo Sapateiro) de S. Gregório. Desejamos-lhe seu pronto restabelecimento.

SOCIEDADE ANIVERSÁRIOS

Fazem anos: amanhã, Indalécio Rodrigues e Oscar Augusto Marinho; no dia 3, a menina Maria Veites de Carvalho; no dia 4, D. Marla de Jesus Alves Henriques; no dia 5, a menina Maria Armanda Lopes Malheiro, Arindo Cândido Pinto e Manuel Lourenço; no dia 7, D. Carolina Rosa da Cunha Sotto Maior Martins Moreira; no dia 8, D. Carolina Augusta Soares Monteiro Ramos e D. Maria Gulseira da Conceição de Sousa Queiruga e o menino João Luís Domingues; no dia 10, Jorge da Costa Dantas, Mestre Justino José Gomes e engenheiro Manuel Duarte de Magalhães Fernandes Pinto; no dia 11, D. Maria Júlia Dantas Ribeiro; no dia 12, D. Augusto dos Anjos Rodrigues de Araújo; no dia 13, D. Leopoldina Afonso Domingues, José do Nascimento de Sousa Pinto; no dia 15, António Gonçalves Pereira (Tonca) e Luís Fernandes, regedro de Rouças.

Recrutamento de mancebos voluntários com o destino aos cursos de pilotagem

Até ao próximo dia 30 do corrente, está aberto concurso para a admissão de mancebos voluntários com destino aos cursos de oficiais milicianos pilotos aviadores e sargentos milicianos pilotos.

São condições de admissão, entre outras, ter mais de 17 e menos de 21 anos de idade no acto de alistamento; a altura mínima de 1,62 m. e possuir aptidão física necessária, verificada pela Junta de Admissão da Aeronáutica; possuir como habilitações mínimas a aprovação no

5.º ciclo liceal ou equivalência (para oficial) e a aprovação no 2.º ciclo liceal ou equivalente (para sargento). Têm preferência na admissão os mancebos que se comprometerem a servir a Força Aérea por um período de 6 anos.

Os interessados devem fazer as suas inscrições e dirigir os seus pedidos de esclarecimento ao Centro de Recrutamento e Mobilização n.º 1 — Rua Newton 6 — r/c — Lisboa.

VENDE-SE

NA PORTELA DO COUTO CHAVIAES

Terras de cultivo e vinha, com muita água junto da Estrada.

Informa: MANUEL RIBEIRO COELHO e JOSÉ MARIA PEREIRA.

Externato Liceal de Melgaço

Ensinos: Infantil — Primário Admissão — Telescola LICEAL

Enfermeira

No hospital de Melgaço: enfermeira-parteira diplomada, e com larga prática na Maternidade Júlio Dinis, atende a toda a hora.

Escola de Condução «Covas»

Para Homens e Senhoras Telefone 52562

Manuel Gonçalves Covas MONÇÃO

Agência de Viagens "Rumo,"

Telefone 42278 ★ MELGAÇO

Turismo ● Passaportes ● Renovações

BILHETES DE AUTOCARRO E DE CAMINHO DE FERRO PARA FRANÇA

CASA PARIS CALÇADOS - LANIFÍCIOS MODAS-NOVIDADES

Jaime Afonso

Telefone, 42264

MELGAÇO



Dr. Alexandre Amorim

ADVOGADO

Herculano Lima da Silva SOLICITADOR

COM ESCRITÓRIO NESTA VILA

BOLSAS DE ESTUDO

Concede, o Externato Liceal de Melgaço, bolsas de estudo para alunos de reconhecido valor intelectual que não possam seguir estudos por deficiência económica. Habilitações mínimas: 4.ª classe.

VENDE - SE

No lugar da Granja, freguesia de Alvaredo, terrenos com casa de habitação, água de rega e lima com abundância. Trata o próprio.

JOSÉ DE CASTRO

Ou nesta redacção.

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenigildo Solheiro MELGAÇO

AS MAIS SELECIONADAS ÁRVORES DE FRUTO

As melhores sementes de flores e hortaliças. As mais lindas ROSAS premiadas em Concursos Internacionais.

Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas.

CATÁLOGOS GRÁTIS

Alfredo Moreira da Silva & Filhos, L.ª

Viveiristas autorizados n.º 3 Rua de D. Manuel II, n.º 55

PORTO

Telegr. Roselândia Tele. 21957



Correspondência de Prado

Pesqueiras no Rio Minho — Li com atenção e interesse o Correspondente do Comércio do Porto em Viana do Castelo, sobre uma notícia publicada naquele jornal em 10 de Novembro intitulada «O Rio Minho» estar condenado para a pesca? Um depoimento digno de atenção.

Numa altura em que a pesca nos nossos rios, está sendo anunciada como uma das motivações para o Outono turístico, é de toda actualidade abordar-se a questão de pesca nos rios do nosso Distrito, isto é no rio Minho, o rio importante por excelência, dada a sua antiga riqueza piscícola e as possibilidades que em tal aspecto ainda possui.

Diz mais adiante a agravar essa situação acresce que foram proibidas reparações nos antigos pesqueiros!... Não é exacto, visto que tais reparações sempre foram autorizadas e continuam a sê-lo pelas autoridades que superintendem e para o provar estão presentemente a ser reconstruídas as pesqueiras nos 408 Coule e 324 Teixeira, na margem portuguesa; na margem espanhola os seus proprietários também procedem às reparações de suas pesqueiras. E porquê? Porque são propriedades privadas que já existiam antes do tratado de limites entre Portugal e Espanha e anterior ao Regulamento da Pesca no rio Minho, que é Internacional e data de 17 de Maio de 1897, tal regulamento só permite a pesca em três pesqueiras desde 15 de Fevereiro a 30 de Junho. As mesmas são consideradas como prédios urbanos, estão colectadas pagando os seus proprietários as contribuições atribuídas Além de se encontrarem inscritas na Repartição de Finanças do Concelho, encontram-se descritas na Capitania do Porto de Caminha a que o citado regulamento da pesca obrigou. Acresce ainda que para os seus proprietários as poderem armar tem de pagar as respectivas licenças impostas por um Decreto-Lei, licenças essas que só têm validade na época da pesca para as construções fixas ou

sejam pesqueiras que só em Melgaço há 500 e tantas. Estão expostas em forma de degraus nas duas margens, não prejudicam o curso das águas, só são armadas a pé enxuto com botiões e cabaceiras; pesqueiras há que tinham grande valor como o sejam: 250 Pendurada, 248 Malpaga, 317 Viveiro, 101 Bravo, 102 Pé de Ferro, 264 Botica, 127 Conde, 584 Pesqueiro, 415 Pomilheiro, 290 Novo, 88 Mosqueiros, 408 Coule, 518 Caxães de Merelhé, 512 Cavallo e 324 Seixeira, pesqueiras essas que tiveram há mais de 30 anos ofertas por alguns 100 contos e outras foram transacionadas por dezenas de contos.

Está sobejamente provado que a construção das barragens prejudicou grandemente a abundância de várias espécies que do mar vem desobar ao «rio Minho» como sejam Salmões, Sáveis, Trutas, Lampreias e outras. Causa: As alterações constantes que se observam diariamente no curso normal das águas, pois tanto sobem como descem rapidamente, dando origem a espalhar pelas margens bilhões de ovos e peixes pequeninos que a acção do calor mata, servindo de alimento aos corvos e outras aves bravias, visto em certos locais o rio ficar quase seco. Tudo isto se observou neste verão. Se não forem reguladas as águas à juzante das barragens e construídos degraus ou rampas para as fêmeas subirem e nas barragens desobar vai desaparecendo para sempre uma riqueza importantíssima que é Internacional!... Este rio foi outrora riquíssimo. Viviam dele centenas de famílias que faziam as suas pescas tradicionais; vendiam peixe por baixos preços que davam margem aos nossos agricultores se alimentarem, e aquelas que os auxiliavam nos trabalhos agrícolas. Faziam as suas salgas secavam e davam aos pobres. Que importante obra social se praticava naqueles tempos!...

Como já disse, é necessário não só regular as águas, é necessário também construir de

(Continua na 3.ª página)

RENOVAMOS
A CADA DIA
A NOSSA TRADIÇÃO
DE BONS SERVIÇOS

CORRESPONDENTE NO BRASIL

BANCO PINTO DE MAGALHÃES, S. A.

Rua do Ouvidor, 86 — Rio de Janeiro



Organização Bancária

PINTO DE MAGALHÃES

Rua de Sá da Bandeira, 53 — PORTO
Rua do Ouro, 95 — LISBOA

AMARANTE — ARCOS DE VALDEVEZ — CHAVES
— COVA DA PIEDADE — ELVAS — ERICEIRA —
FÁTIMA — MALAPOSTA — PENICHE — TOMAR
— VALE DE CAMBRA — VILA DA FEIRA — VILA
REAL — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
VILAR FORMOSO — VISEU

CARTA DA VILA

(Continuação da 2.ª página)

Luanda, que após uma intervenção cirúrgica, ali se encontrou em convalescença.

Ao ilustre magistrado, que exerceu as funções de Delegado do Procurador da República no Tribunal desta comarca e a sua Ex.ma esposa, os nossos respetivos cumprimentos.

DEVIDO A SUA IMPRUDENCIA UM CICLISTA MOTORIZADO EMBATEU CONTRA UM AUTOMÓVEL E FRACTUROU UMA PERNA—

No passado dia 20, pelas 9 horas, circulava na estrada Melgaço-S. Gregório o automóvel ligeiro CB-79-13, conduzido pelo seu proprietário sr. José Conde, solteiro de 30 anos, natural de Castro Laboreiro e chegou há pouco tempo do Canadá, ao passar no local denominado Val, freguesia de Chaviães, surgiu-lhe uma motorizada, conduzida pelo seu proprietário sr. Henrique Meleiro, solteiro de 31 anos, natural da freguesia de Paços.

E sem obedecer às regras do trânsito, foi embater contra o referido automóvel, ficando prostrado no solo, com uma perna fracturada e várias contusões pelo corpo.

Foi imediatamente transportado ao hospital desta vila, onde foi socorrido, tendo em seguida sido transportado na Ambulância da Santa Casa da Misericórdia, para o Hospital Escolar de S. João da cidade do Porto, ficando ali internado. A G. N. R. do posto desta vila, tomou conta da ocorrência.

CICLISTA MOTORIZADO CONTRA UMA FURGONETA

Quando pelas 15 horas do dia 19 o operário da Barragem da Freira (Espanha) Manuel da Costa Antunes, solteiro, de 19 anos, natural de Igreja Nova, Póvoa de Lanhoso, seguia na sua motorizada com destino a Monção, ao passar numa curva próximo da Estância Termal do Peso, foi de embate contra a furgoneta SN-24-57, conduzida pelo seu proprietário Sr. Daniel de Freitas Maia, solteiro, comerciante em Leça de Palmeira, Matosinhos, ficando estatelado no solo, com múltiplas escoriações pelo rosto.

Transportado ao Hospital desta vila, ficou ali internado, por o seu estado ser grave.

A G. N. R. do posto desta vila, tomou conta da ocorrência.

TRANSFERÊNCIA — A seu pedido, foi transferido para Vila Nova de Cerveira, onde foi comandar o posto da Guarda Nacional Republicana daquela localidade, o nosso amigo Sr. José Bouçada Marinho, 1.º Cabo daquela corporação.

O sr. Cabo Marinho, que durante alguns anos comandou com muito zelo e competência o posto da mesma Guarda nesta vila, deixou em todos nós viva saúde, por quanto este

nosso amigo era pessoa benévola e gozava da geral estima.

Auguramos ao bom amigo a soma de felicidades a que tem jus.

Substituiu-o no mesmo cargo o 1.º Cabo Sr. Laurindo Teixeira, que até esta data, exercia as suas funções no Quartel da Belavista da cidade do Porto.

Ao novo comanante, apresentamos os nossos cumprimentos oferecendo-lhe a nossa leal colaboração.

VINDO DO ULTRAMAR — Chegou a esta vila, depois de ter cumprido a sua missão de soberania durante dois anos na nossa província ultramarina de Angola, o nosso conterrâneo Sr. António Antunes Figueira, 1.º Cabo de Exército, filho do Sr. António Luís Regueira e da Sr.ª Maria Antunes.

Os nossos cumprimentos de boas vindas.

VINDO DO ULTRAMAR — Após dois anos em missão de soberania na nossa província ultramarina da Guiné chegou a esta vila, o nosso conterrâneo Sr. Joaquim Agostinho da Rocha (filho) condutor auto.

Os nossos cumprimentos de boas vindas.

D. MARIA Y SMERALDA DE AZEVEDO CARLOS — Após ter sido submetida a uma intervenção cirúrgica, numa clínica de Vila Nova de Fimaleição, regressou à sua residência desta vila, a Sr.ª D. Maria Esmeralda de Azevedo Carlos, esposa do Sr. Alcindo Emílio Cardoso, funcionário da Barragem da Freira (Espanha).

Aquela desejamos, pronto restabelecimento. — C.

Desporto

Decididamente, o rio Minho, no conceito de Melgaço, não se cansa de premiar o fervor dos pescadores desportivos que tanto carinho lhes dedicam e que por todos os meios possíveis lhes dispensam alguma protecção.

Há dias o nosso conterrâneo Sr. José Luís do Vale, conseguiu a bonita proeza de encaixar dois magníficos exemplares de «Truta Marisca» com o peso de 5,450 Kg. e 2,800 Kg., dois dias depois conseguiu ainda capturar mais dois exemplares da mesma espécie com o peso de 4 Kg. e 3,750 Kg., passados mais uns dias o nosso amigo Sr. Domingos Montes da Silva, apanhou um salmossido de 3,150 Kg., no dia seguinte o Sr. Dr. Hul Manuel de Meireles também frequentador do Minho, teve o prémio da sua persistência, ao capturar duas trutas com o peso de 3,5 Kg. e 3 Kg. exactos.

A em destes afortunados pescadores, muitos outros viveram

CANTINHO DOS NOSSOS ASSINANTES

(continuação da 1.ª página)

lembrar de novo o pedido e, já a partir deste n.º, vamos susponder o envio do jornal a quem dever mais do que um ano. Temos imensa pena, acreditem, mas todos quantos trabalhamos neste jornal o fazemos a bem da terra e de graça. Por isso mesmo, certos estamos de que os nossos queridos amigos vão ser amáveis e compreender que não podemos proceder doutra maneira. As despesas são muitas e só onde todos ajudam é que nada custa fazer as coisas. Ora os que se atrasam no pagamento não ajudam: criam dificuldades. Portanto: a partir deste n.º, cortamos o envio do jornal a quem dever mais do que um ano. Desculpem, mas não é possível proceder doutra forma.

Pedimos por especial favor

Sim, pedimos, por especial favor aos nossos queridos Amigos a gentileza de liquidarem os seus débitos neste fim de ano. Qualquer jornal exige larga soma de trabalhos e de esforços, sobretudo muita despesa!

Certo que todos os que trabalhamos nos serviços de redacção e administração o fazemos por amor a Melgaço, mas, mesmo assim, as outras despesas são tremendas. Por isso e por especial favor, não se esqueçam da nossa consoada.

Coisas da nossa terra

(Continuação da 1.a pág.)

alguns comparam à de Viana, e a que não cabia nele se formava no campo visinho. Vendo os Governadores que tardava o aviso do General para acobertar o inimigo, sofrendo mal seus alentados brios esta dilatação pelo desejo que tinham de chorar com ele, tornaram a mandar reconhecer de um alto o que os nossos da Ponte das Várgeas faziam, e sendo certos que continuavam a abraçar alguns lugares, se resolveram em dar no inimigo sem raco do General, sem embargo que lho havia mandado por um homem nobre, ao qual se entendeu deram os ares da Galiza, porque nunca chegou com ele. Dejeando os Governadores, que estavam à vista do inimigo, dar-lhe também com obras a respeito da certa que haviam tido sua o dia antecedente, fomos o conselho com Sargento-Mor e Capitães pagos, todos com muito va.or foram da mesma opinião.

(A palavra do Sargento-Mor é a primeira na página 4 do folheto).

Mandaram logo tocar a marchar, repartindo as companhias em dois troços, um para dar no inimigo e entrar nos baluartes da serra, onde se considerava mais forte por ter nela formado seu esquadrão no reduto maior e fóra em um lhanço capaz. Outro troço para ir por parte de Alcobaga com a gente de cavalo a combater o baluarte da Costa e os mais redutos e fortificações que ali estavam. Foram marchando os dois troços a um tempo cada um por seu caminho. O que fazia rosto aos redutos e fortificações mais eminentes, que o inimigo tinha no alto da serra, se dividiu em duas mangas, para se meterem pelos lados a ganhar a eminência, indo o troço pelo meio da serra aos combates, como o inimigo fosse divertido pelo alto, o que se fez com muita pressa, calor e alento, levando cada qual o intento de ter a glória de ser o primeiro.

O Governador Diogo de Melo tomou para si a vanguarda, como valoroso e destre soldado, indo diante de todos fazendo sua derrota para os redutos de cima onde se considerava maior a força do inimigo; seguiam-no os capitães da gente paga D. Vasco Coutinho e Amador Rodolfo, Luiz de Brito Freire, Cristóvão Mousinho, Martim Teixeira, Francisco de Azevedo, Francisco Barbosa, António de Barros, todos com suas companhias de gente paga.

(Continua)

P. M. A. Bernardo Pinto

Agradecimento

A família de Francisco Moreira da Silva, recentemente falecido, julga ter agradecido a todas as pessoas que se dignaram honra-la manifestando-lhe o seu pesar pela falta do seu ente querido; porém, recendo cometer qualquer falta involuntária, vem também por este meio agradecer e manifestar a todos o seu profundo reconhecimento.

Melgaço, 25 de Novembro de 1967.

Alfredo Lourenço do Paço

Rouças. 27

Tem feito uns lindos dias neste verão de São Martinho. Acabamos de recolher os milhos e já estamos a braços com os trabalhos da sementeira do centeio, no que somos ajudados pelos tractores.

As obras do cemitério vão quase no fim. Fica bastante bonito, mas não ao ponto de que apeteça ir já para lá.

Consta-nos que vai ser reparada a nossa estrada florestal que ficou muito danificada com os últimos temporais. Ainda bem.

Já se andará voltas com as latadas.

No passado dia 19 de Novembro, foi baptizada uma menina, filha dos Srs. Custódio Rodrigues Abelheira e de sua gentil esposa, Madalena Soares de Lobião. Foram padrinhos os Srs. Domingos Abelheira e sua esposa, Narcisca da Costa, de Pomares. Ao neo-cristão, desejamos uma vida cheia de felicidades e de bênçãos de Deus.

No dia 20, fomos em romagem ao cemitério. Quase todas as campas se encontravam floridas e foram muitos os que ali vieram rezar pelos seus. Que o Senhor 'a todos dê o eterno repouso.

Pelo lar de São José

(Continuação da 1.a pág.)

bom Deus multiplique mil por um, estas generosas dádivas.

E também dum anónimo de Braga, por intermédio da Sr.ª Justina Esteves, de Corçães, lembrança de 20\$00.

Como ficamos gratos a todos os Amigos destas Casas, hospital e Lar!

Estamos agora na quadra do Natal. Oxalá que todos os melgacenses nos ajudem a levar por diante esta obra que é das mais formosas da nossa terra.

P. Carlos

TANQUE DE GASOLINA DE PLÁSTICO

Ludwigsbajen-Stuttgart — Badische Anilinund Sodafabrik (BASF) desenvolveu em cooperação com a firma Porsche um tanque de gasolina de plástico. O tanque de Lupolen não enferruja e é mais seguro. Em caso de acidente o perigo de fogo é muito menor pelo simples razão de o tanque de plástico não ser absolutamente rígido e absorver melhor os choques. Acresce ainda que o tanque de folha da mesma capacidade é muito mais pesado.

a VOZ de MELGAÇO

★
★
★
★
★
★
★
★
★
★

Chefe da Redacção e Editor

CARLOS ANTONIO VAZ

QUINZENÁRIO CATOLICO E REGIONALISTA
Redacção e Administração R. da Calçada — Melgaço

Avença

★
★
★
★
★
★
★
★
★
★

Director e Administrador:

JULIO HILARIO VAZ

Custo da Assinatura Anual: 30\$00 — Estrangeiro: 70\$00

ANO XXI N.º 391

MELGAÇO, 15 de Dezembro de 1967



COISAS DA NOSSA TERRA Uma batalha em Alcobaca

(Continuação)

Prossigue ainda o folheto: «Levava a rectaguarda o Governador Lopo Pereira de Lima, a quem seguiam os Capitães da gente da Ordenança Brás Pereira, João Pereira, Pedro da Cunha Souto Maior, António Vieira, todos de Braga, com seu valor e esforço natural herdado de seus antepassados, que deram muitos anos que fazer aos Romanos, foram nesta ocasião terror dos Galegos. Seguiu-se Francisco Machado de Azevedo e outros Capitães com a gente de Barcelos e da vila dos Arcos, todos como leões bravos cerraram com os inimigos, com grande valor e esforço. Trataram os Castelhanos e Galegos de se defender valorosamente, dando muitas e mui repetidas cargas em os nossos, mas não reparando nem furtando o corpo aos pelouros que so-

bre eles choviam, à força de braço, a peito descoberto entraram a primeira fortificação, seguindo seu Governador que a tudo os alevantava com palavras e obras iguais a seu esforço, a quem logo assistiu seu irmão Lopo Pereira governador da rectaguarda, adiantando-se do lugar donde ia émulo da glória deste primeiro assalto, ambos, com a gente que os seguia, continuaram seu intento, obrigando ao inimigo a desamparar o primeiro reduto, o qual se foi retirando e defendendo com cortinas dos redutos e trincheiras dos baluartes que ao diante tinham, e finalmente se fizeram fortes no reduto maior no mais alto do monte, pretendendo conservar-se nele, mas vendo o valor estranho, o ânimo invencível e fúria brava com que os nossos se avançavam e que sem dilação os investiam, desampararam de todo o forte baluarte donde se defendiam e se puseram em vergonhosa fugida, usando mais dos pés que dos braços. (Entre as palavras no mais que ficam sublinhadas passa da 4.ª à 5.ª página). Os nossos lhe iam no encaicho com as espadas ferindo-os e desarretando-os tanto a seu salvo que os que ficaram vivos devem a vida a seus pés e ao cansaço dos vitoriosos braços portugueses, lapsos já de tinger tantas vezes a mesma espada em o sangue inimigo; mataram e cativaram muitos, e foram muitos mais se não largaram as armas para fugir mais ligeiros, e se por esta parte fora a Cavalaria que lhe seguisse o encaicho. Os Governadores depois desta vitória recolheram a gente, para acodirem ao outro troço que marchava pela parte de Alcobaca, que em o mesmo tempo fazia seu caminho para o reduto da Costa e mais fortificações que ele tinha.

técnicas da previsão, relatando o trabalho do grupo francês predido pelo Sr. Guillaumat.

Entrando na análise do texto da proposta de lei, justificou a proposta de aditamento ao n.º da Base XI, que há dias enviara para a mesa, e cuja finalidade é a de os relatórios anuais e o relatório final de execução do Plano serem submetidos à apreciação da Assembleia Nacional.

Falou dos considerandos éticos inseridos no ordenamento constitucional Português que fazem do desenvolvimento económico, não um fim de si mesmo mas um meio de enriquecimento total da pessoa humana. Afirmou, em certo passo:

«Os objectivos e medidas da política de rendimentos de-

Governava a gente de cavalo Francisco Pereira da Silva, morgado de Briandós, Cavaleiro do Hábito de Cristo, prático e exercitado em as armas por se haver criado em elas, irmão dos Governadores, que havia chegado pouco antes de Guimarães aonde esteve fazendo gente de cavalo, com a do seu regimento foi

'A Voz de Melgaço'

DESEJA A TODOS OS
SEUS COLABORADORES,
ASSINANTES E ANUNCIANTES,
BOAS-FESTAS.

Intervenção do Deputado Dr. Júlio Evangelista (Viana do Castelo)

no debate sobre o III Plano de Fomento, na Ordem do Dia da Sessão de 5 de Dezembro de 1967 na ASSEMBLEIA NACIONAL

Campanha de auxílio às vítimas das inundações em Lisboa

A Comissão de Festas do concelho de Melgaço, secundada pelo Ex.º Senhor Presidente da Câmara Municipal, realizou no passado dia 8, no Salão anexo ao Café «Estrela» desta Vila, um baile, cujo produto líquido, na importância de 6.560\$00, foi destinado às vítimas da última catástrofe que assolou a cidade de Lisboa e seus arredores.

A referida importância, segundo nos foi revelado, foi re-

metida pela Comissão de Festas, à Comissão Central de Lisboa, por intermédio da Cruz Vermelha Portuguesa.

Bem hajam todos os Melgacenses que colaboraram nesta pequena cruzada e os nossos parabéns à Comissão de Festas do nosso concelho pela feliz iniciativa, assim como ao Ex.º Sr. Professor Manuel José Rodrigues e outras entidades da nossa terra que souberam compreender a iniciativa.

O Deputado Dr. Júlio Evangelista realizou uma longa intervenção de cerca de duas horas. Na primeira parte abordou considerações de natureza geral, doutrinária e política, sobre o Plano de Fomento. Fez acentuar que embora o Plano tenha sido realizado por especialistas qualificados, ele é sobretudo uma realização eminentemente política, e por isso assume particular relevância o presente debate parlamentar. Referiu-se às relações entre a técnica e a política, desenvolvendo longos considerandos.

Referiu a seguir que as técnicas de planeamento estão sendo ultrapassadas, nos países mais desenvolvidos, pelas

(Continua na 2.ª pag.)

(Continua na 3.ª página)

Intervenção do Deputado Dr. Júlio Evangelista (Viana do Castelo)

(Continuação da 1.ª página)

finidos no Plano, bem como os objectivos e medidas de política salarial merecem o nosso apoio. É fácil falar em redistribuição de rendimentos, mas difícil definir a quem se pretende atingir com ela. O objectivo dessa redistribuição, tal como decorre do Plano e das leis, não é o de fazer desaparecer esta ou aquela categoria sócio-económica em benefício de outra, mas sim reduzir aqueles que auferem grandes margens de lucro em benefício daqueles que auferem pequenos ou insuficientes rendimentos».

Em seguida, debruçou-se largamente sobre a política nacional do turismo, as suas vantagens e os seus inconvenientes, a opção posta pelo Plano à consideração da Câmara e do Governo, desenvolvendo seguidamente não apenas questões gerais de turismo como questões específicas do distrito de Viana do Castelo.

Eis os pontos focados e que mais nos interessam:

1.—O distrito de Viana do Castelo na linha de prioridade turística como «ponto de fronteira»; a promoção turística das estâncias termiais de Melgaço e Monção; o potencial turístico da cidade de Viana do Castelo e da Ribeira do Lima.

2.—Será correcta a integração do distrito de Viana do Castelo na sub-região litoral da região do Norte (Viana do Castelo, Braga e Porto) ou deverá antes integrar-se na sub-região do interior (Viana do Castelo, Vila Real e Bragança)?

3.—O Plano do Ordenamento Hidráulico da Bacia do Rio Lima, em vias de conclusão na Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, é de importância vital para a economia da região. Problemas do Rio Lima; urgência de disciplinar e revitalizar o rio. Em que consiste o Plano geral do Ordenamento Hidráulico do Rio Lima; necessidade da sua inclusão no Plano de Fomento.

4.—O porto e a barra de Viana do Castelo. Sua relação com o Plano geral do Rio Lima. O estado da barra que ainda recentemente levou o navio «Porto» a aguardar semanas para poder sair dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.

Segue-se o texto da parte final do discurso que se refere aos problemas do distrito de Viana do Castelo:

O Turismo é hoje para nós

outro volfrâmio, a que é preciso deitar mão, explorar inteligentemente. Há-de ter a sua contrapartida de risco, mas isso é, como dissemos, o reverso de todas as medalhas. Estamos a sangrar financeiramente, e a tal sangria haverá de corresponder equivalente transfusão de divisas. O turismo é para nós um processo de transfusão financeira. De 890 000 contos em 1961, o valor absoluto do Turismo atingiu 7 476 000 em 1966, o que, a preços correntes, corresponde à elevadíssima taxa média de acréscimo anual de 48 por cento (Vol. II, pág. 423).

As previsões para o hexénio do Plano, constante do mapa da pág. 430, elevam as receitas provenientes da exportação de serviço de turismo para dez milhões e meio de contos em 1970 e de quase dezoito milhões de contos em 1973. Isto nos dá ideia do valor económico do turismo.

Mas não devemos esquecer que ele comporta considerações de ordem política, por ser hoje dos mais importantes e mais sólidos meios de informação. Algures o fez notar o Subsecretário de Estado da Presidência do Conselho, Dr. Paulo Rodrigues, nosso querido colega nesta Câmara e excelente camarada. Vou citar as suas palavras:

«Acontece hoje que a guerra psicológica dirigida do exterior contra a liberdade e integridade da Nação Portuguesa é comandada por forças às quais não interessa, em nada, a verdade dos factos. Mas o seu poder de penetração resulta, em grande parte, da receptividade que a mentira só encontra, entre homens de boa vontade, quando não lhes é dado conhecer a realidade das coisas».

Daqui partiu lucidamente para a conclusão:

«Dar a quantos nos visitem, clara e aberta, a verdadeira face de Portugal — do Minho a Angola, das Berlengas a Timor — é, para além de todo o benefício económico, a missão mais alta em que todos quantos servem o Turismo servem, ao mesmo tempo, o interesse nacional».

Está focada, nestas observações, uma face extraordinária do valor das correntes turísticas para o nosso País. Não andamos empenhados em desfazer a monstruosa campanha de mentiras, que, no plano internacional, se desencadeou contra nós? Não temos posto ao serviço da Informação, para reposição da verdade sobre Portugal, isomas gigant

tescas e meios poderosos? Não estamos apostados em esclarecer o Mundo, em mostrar a verdade à opinião internacional e aos homens de boa vontade?

Pois as centenas de milhares de turistas, que anualmente percorrem o nosso País, podem ser os melhores portadores dessa verdade. Viajando livremente, percorrendo a terra portuguesa de lés a lés, observando, anotando, ajudando, eles são os que podem testemunhar *de visu* a verdade sobre Portugal, sobre a sua vida cívica e social, sobre o próprio carácter do regime político em que vivemos, ou os progressos materiais que, por todo o lado, se notam entre nós. Esses são soldados da batalha da Informação, em que estamos empenhados. Com uma vantagem extraordinária: enquanto gastamos rios de dinheiro, para proclamar a verdade por esse Mundo — pois, hoje, a própria verdade tem de se pagar, para obter lugar ao sol —, os turistas deixam aqui o seu dinheiro e podem ser ao mesmo tempo, testemunhos fiéis dessa verdade, que viram com os seus olhos. Trata-se de Informação que, em vez de custar dinheiro, rende divisas.

Em matéria de turismo, bem podemos, pois, dizer que nele reside uma das importantes opções que o Plano levanta; e, face aos condicionamentos citados te às exigências da vida nacional, temos de optar decisivamente pelo seu incremento e pelo seu desenvolvimento. Feita a escolha, não devem regatiar-se os meios. Estão previstos investimentos da ordem dos nove milhares e meio de contos para o hexénio, dos quais dois mil setecentos e cinquenta mil setecentos e vinte milhares de contos no segundo triénio. Fazemos votos para que esta previsão de investimentos tenha melhor sorte, na execução, do que os investimentos previstos, para o efeito, no Plano Intercalar que agora finda.

Temos de concluir que, em matéria de turismo, se galgo definitivamente a fase do mero folclore e dos rodrguinhos, se bem que venham a ser cada vez mais necessárias as Agonias e as Meadelas. Não podemos exportar a frescura dos nossos vinhedos e das nossas matas; não dispomos de rodas os Jerónimos ou a Batalha ou a Sé de Braga, para serem passeados por esse Mundo; não podemos enlutar o azulino das nossas águas

ou a suavidade tépida que os nervos colhem ao banhar-se. Mas nas fronteiras deste «país das uvas», tal como à porta dos grandes espectáculos, o cartaz está erguido e representa divisas ao contado: —«Vende-se mar e sol! Vende-se clima admirável! Há romarias e sonhos e bailes e despiques! Alugam-se paisagens e monumentos sem par! Dá-se de bonus a ordem, a tranquilidade e o sossego de um país de boa gente e bem governado...».

O tema do turismo conduz-nos, por associação de ideias e derivante sistemática, ao Distrito de Viana do Castelo, círculo eleitoral que tenho a honra de representar nesta Assembleia.

A política turística definida no Plano aponta para a qualidade e consideração «como regiões prioritárias» aquelas onde é possível fazer turismo durante todo o ano ou em que a estação alta se estende por largo período: o Algarve, a Madeira e a região de Lisboa. Acrescenta-se todavia que se procederá «ao estudo do fomento turístico de outras regiões», dado que «interessa promover o aproveitamento turístico de todo o resto do território, procedendo para tal os serviços de turismo à fixação de itinerários de circuitos por onde se poderá desenvolver o turismo de passagem, a partir não só das regiões prioritárias, como dos diversos pontos de fronteira, e indicando nos referidos circuitos os pontos de apoio para a instalação preferencial de estabelecimentos hotelceiros e similares.» (Vol. II, pág. 433 e 434).

Não é minha intenção discutir o critério de prioridades preconizado no Plano, nem quereria incorrer na velha pecha nacional de limitar os horizontes de tão magno problema ao campanário do minha região. Mal de nós, se viessemos à discussão com a ideia fixa de que na nossa terra é que há colina magnífica, cheia de arboredo e belas paisagens, para nela se construir uma estalagem; se apenas viessemos dizer que o nosso mar, o nosso vale são melhores do que os dos outros; ou que há poentes magníficos ali ao pé da nossa porta, que as entidades oficiais ignoram estupidamente. Se assim fosse, se nos movesse tão somente o toque de campanário — então, é porque não teríamos acertado com a ideia exacta e com as

(Continua na 4.ª página)

VINDOS DE FRANÇA

José Manuel Cardoso, Hermínio Afonso, Raúl Ferreira Cardoso, Aurélio Ferreira Cardoso, Ludovino de Freitas, Daniel Marcos Afonso.

reais dimensões do fenómeno turístico.

O DISTRITO DE VIANA DO CASTELO NO TURISMO NACIONAL

Mas julho não incorrer nesse defeito, se vier à discussão, ao diálogo que o Governo nos propôs ao trazer até nós o Plano de Fomento, com certas questões que se integram no desenvolvimento das premissas expostas no Plano e que atrás reproduzi.

Fala-se em «desenvolver o turismo de passagem a partir não só das regiões prioritárias, como dos diversos pontos de fronteira». O distrito de Viana do Castelo constitui hoje uma das mais importantes portas de entrada do turismo europeu que nos procura. Basta dizer que o tráfego anual da fronteira de Valença assume proporções caudalosas, que a transformam numa das mais importantes, senão a mais importante, via de entrada do turismo terrestre que nos procura. Além de Valença, Melgaço está aberta ao tráfego internacional por S. Gregório, e, ali ao lado, dispõe numa estância termal, o Peso, prolongada até Monção e os seus banhos, que têm sido levemente despresados e inaproveitados. Peso e Monção constituem estâncias termiais com potencialidades turísticas privilegiadas, e a dois passos da fronteira norte e numa das mais belas regiões de veraneio e repouso. As correntes turísticas que afluem por Valença não se dirigem inteiramente para as regiões prioritárias do Continente — Lisboa e Algarve — que ficam muito longe.

Larga percentagem desse turismo dissemina-se pelo Norte. Viana do Castelo e a Ribeira Lima são, por seu turno, prodigiosos reservatórios de beleza paisagística, folclórica, artística e arquitectural que, não obstante a carência misérrima de infraestruturas turísticas, capitalizam enormemente e retêm percentagens consideráveis das correntes que nos buscam. Viana do Castelo, cabeça do Alto-Minho, oferece possibilidades verdadeiramente excepcionais: os seus montes, as suas veigas, o seu litoral e o seu rio, as suas romarias e os seus costumes, os seus monumentos e solares, os seus pinhais e as suas praias e sobretudo a sua gente — pedem meças ao que de melhor a defronte no País!

Ora, estando o Alto Minho num dos mais importantes «pontos de fronteira», para empregar a própria expressão do relatório, servido por uma das mais

(Continua na 4.ª página)

Externato Liceal de Melgaço

Ensinos: Infantil — Primário Admissão — Telescola LICEAL

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO Largo Hermenegildo Solheiro MELGAÇO

VENDE - SE

Em S. Gregório junto à estrada nacional. Casa de morada com outra anexa, dependências e rocios, e na freguesia dos «Soqueiros» de semeadura, vinhas, pinhal e palheiro. Trata Alberto Rego, em Melgaço.

Manuel António Ribeiro

SOLICITADOR Largo Hermenegildo Solheiro MELGAÇO

BOLSAS DE ESTUDO

Concede, o Externato Liceal de Melgaço, bolsas de estudo para alunos de reconhecido valor intelectual que não possam seguir estudos por deficiência económica. Habilitações mínimas: 4.ª classe.

Dr. Alexandre Amorim

ADVOGADO Herculano Lima da Silva SOLICITADOR COM ESCRITÓRIO NESTA VILA

Escola de Condução «Covas»

Para Homens e Senhoras Telefone 52362 Manuel Gonçalves Covas MONÇÃO

Enfermeira

No hospital de Melgaço: enfermeira-parteira diplomada, e com larga prática na Maternidade Júlio Dinis, atende a toda a hora.

Coisas da nossa terra

Uma Batalha em Alcobaça

(Continuação da 1.ª pág.)

marchando na volta do reduto da Costa, a quem cobria uma manga de 25 arcabuzeiros, indo toda a mais Infantaria de escolta com os Capitães da vanguarda Simão Pita Porto Carreiro, João Bezerra de Viana, Gonçalo Coelho de Ponte de Lima, Lopo Malheiro Barriga da mesma vila, fruto daquele antigo tronco dos Barrigas, em outro tempo assombro dos Mouros: Manuel Pacheco Pinto, Gaspar Soares Borges e outros Capitães dos Arcos, Coura, Tibães, Regalados e Vimeiro. Levava a recatadura de gente paga o Capitão Francisco Gouveia Ferraz. A este troço deu o inimigo carga das trincheiras iminentes ao caminho por onde iam marchando. Não perderam os nossos um ponto de seu valor e esforço com esta batária, antes com maior fúria acometeram os inimigos, assim das trincheiras como os do baluarte da Costa.

(Continua)

P. M. A. Bernardo Pintor

Correspondência de Prado

Nascimento — Em 7 de Novembro nasceu Cristina Maria Loureiro Gomes de Sousa, filha de Manuel José Gomes de Sousa e de Idália Pereira Loureiro.

Falecimento — Em 28 p. p. faleceu José António Ribeiro Domingues o «Zezinho», filho de Albertino Domingues e de Maria Leonor Ribeiro, com a idade de 11 anos.

Seus pais muito considerados em todo o concelho, recorreram a todas as ciências médicas para o salvar o que não foi possível. Padeceu desde o seu nascimento duma paralia infantil. No dia 30 foi realizado o funeral, incorporando-se no mesmo centenas de pessoas que da sua residência o acompanharam. Repousa no cemitério desta freguesia. A toda a família envia o assinante deste jornal sentidos pésames.

Chegadas — De França regressaram, a fim de passar as festas do ano com suas famílias, António Pocinho, António Afonso, Alberto Ribeiro, Manuel Gonçalves e Mâncio Alves de Melo.

— De visita aos seus amigos esteve nesta freguesia o assinante deste jornal Bento Octávio Barbosa Martins. Que seja benvido são os nossos ardentes desejos. — M. S.

Parada do Monte, 11

Terminou o Mês das Almas, mês consagrado às benditas Almas do Purgatório. Mês em que todos nós, sem excepção de classe ou sexo, devíamos tomar parte activa na santa missa, para sufragar as almas dos nossos familiares ou amigos. Quem será quem não tem lá alguma pessoa de família por quem rezar? Mas uns porque vão tapar as águas, outros porque amam mais o deus sono, não se faz um bocadinho de sacrifício para ir à igreja uma meia hora para rezar pelos nossos mortos.

— Chegaram de França, os srs. Justino Francisco Pires, Manuel Pires, Justino Esteves Calçada.

— Partiu para França o sr. Justino Domingues.

— Tem ido um tempo que parece um autêntico verão. — (C.).

Agradecimento

A família de Purificação de Pinho Gonçalves, que foi da freguesia de Paderne, na impossibilidade de, por falta de endereços ou por ilegitimidade de assinaturas, agradecer particularmente a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a saudosa extinta à sua última morada, ou, por qualquer outro modo, lhe manifestaram o seu pesar, vem fazê-lo por este meio, pedindo desculpa de qualquer falta involuntária, e testemunhando a todos o seu indelével reconhecimento.

no dia 27, Ernesto Viriato dos Passos Ferreira da Silva; no dia 28, D. Alexandrina Aurea Esteves Pereira, João Baptista Gonçalves Ribeiro e Manuel Fernandes Soares; no dia 30, D. Aida dos Santos Lima Moraes; e no dia 31, D. Maria Teresa Pires e José Augusto Esteves.

Agência de Viagens "Rumo,"

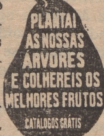
Telefone 42278 ★ MELGAÇO Turismo ● Passaportes ● Renovações BILHETES DE AUTOCARRO E DE CAMINHO DE FERRO PARA FRANÇA

CASA PARIS CALÇADOS - LANIFÍCIOS MODAS-NOVIDADES

Jaime Afonso MELGAÇO

AS MAIS SELECIONADAS ÁRVORES DE FRUTO

As melhores sementes de flores e hortaliças. As mais lindas ROSAS premiadas em Concursos Internacionais.



Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas.

CATÁLOGOS GRÁTIS

Alfredo Moreira da Silva & Filhos, L.ª

Viveiristas autorizados n.º 3 Rua de D. Manuel II, n.º 55

PORTO

Teleg. Roselândia Tele. 21957

SOCIEDADE

Aniversários

Fazem anos: no dia 17, Fernando Jacinto Gonçalves; no dia 18, D. Ana do Carmo Soares; Augusto Ramos e Hilário Alves Gonçalves; no dia 20, Celestino Dias de Figueiredo; no dia 22, Evaristo José Domingues; no dia 24, D. Beatriz de Jesus Esteves Rodrigues; no dia 25, Henrique José de Sousa Caalheiros; no dia 26, D. Ofélia Benvida Alves Gonçalves Castanheira, Alvaro Gomes de Sousa, António Barbeitos da Silva e José Americo Esteves;



Organização Bancária

PINTO DE MAGALHÃES

Rua de Sá da Bandeira, 53 — PORTO Rua do Ouro, 95 — LISBOA

AMARANTE — ARCOS DE VALDEVEZ — CHAVES — COVA DA PIEDADE — ELVAS — ERICEIRA — FÁTIMA — MALAPOSTA — PENICHE — TOMAR — VALE DE CAMBRA — VILA DA FEIRA — VILA REAL — VILA REAL DE SANTO ANTONIO VILAR FORMOSO — VISEU

RENOVAMOS A CADA DIA A NOSSA TRADIÇÃO DE BONS SERVIÇOS

CORRESPONDENTE NO BRASIL BANCO PINTO DE MAGALHÃES, S. A.

Rua do Ouvidor, 86 — Rio de Janeiro

(Continuação da 2.ª página)

movimentadas entradas do País, para ele terão de afluír, na sequência da política preconizada, e logo após as regiões prioritárias, os investimentos necessários à criação de «pontos de apoio», devendo considerar-se ali, nesta ordem de ideias, também «a instalação preferencial de estabelecimentos hoteleiros e similares», tal como o Plano preconiza.

Creio poder afirmar que estas considerações se inserem no pensamento que decorre do próprio texto do relatório em apreciação na Assembleia.

DEVERÁ O DISTRITO DE VIANA SER INTEGRADO NA SUB-REGIÃO LITORAL DA REGIÃO DO NORTE OU DEVERÁ INTEGRAR-SE NA SUB-REGIÃO DO INTERIOR?

Senhor Presidente:

Entrado em considerações respeitantes ao meu Distrito, neste campo me deterei, como cumpre a quem tem consciência das responsabilidades perante aqueles que nos deram o seu voto e em nós confiaram para a defesa dos seus interesses imediatos.

O relatório aponta as conclusões quanto ao planeamento regional, definindo-lhe os objectivos e orientações. A seguir, procede à delimitação das regiões de planeamento ou «regiões-plano» que serão quatro no continente: a região do Norte, a região do Centro, a região de Lisboa e a região do Sul. A região do Norte abrangerá os distritos do Porto, Braga, Viana do Castelo, Vila Real e Bragança e terá a sua capital na cidade do Porto. Dentro de cada região, definem-se desde já as respectivas sub-regiões: na do Norte, distinguem-se a sub-região do litoral — incluindo os distritos do Porto, Braga e Viana do Castelo — e a do interior — distritos de Vila Real e Bragança. Prevêm-se ajustamentos ulteriores, não perdendo de vista o equilíbrio a manter nas regiões entre si, e nas próprias sub-regiões.

Ao desenvolver os pontos essenciais deste equilíbrio para a região Norte, escreve-se: «A sub-região litoral, embora inclua a cidade do Porto como segundo polo urbano do País, não se destaca dos valores médios do Continente em termos de desenvolvimento, nem se afasta do nível atingido pelo litoral da região do Centro.»

Logo a seguir: «A sub-região interior, por sua vez, aparece como a mais pobre de todo o continente. A percentagem de activos agrícolas — a mais elevada do País — e uma produção baseada predominantemente na agricultura são os traços característicos da estrutura desta sub-região, que

Intervenção do Deputado-Dr. Júlio Evangelista (Viana do Castelo)

(Continuação da 2.ª página)

sofre repulsa populacional muito forte.»

Referindo-se à sub-região litoral:

«...não há homogeneidade de condições, porquanto o distrito de Viana do Castelo prolonga a zona deprimida do interior.»

E também:

«Apenas os distritos de Braga e Porto, com grandes densidades populacionais, possuem maior dinamismo e até capacidade de atracção populacional (alguns concelhos limitrofes da cidade do Porto), determinados pela posição saliente das actividades industriais e pelas estruturas urbanas mais aptas para fixar os excedentes populacionais.»

Para o desenvolvimento das nossas considerações, será preciso transcrever ainda mais este passo:

«A expansão dos centros urbanos e o aproveitamento das potencialidades regionais relacionam-se também com as possibilidades de transportes e meios de comunicação, que se apresentam mais deficientes, quer quanto a intensidade, quer quanto a utilização nos três distritos que constituem a zona crítica da região (Viana do Castelo, Vila Real e Bragança).»

Quer dizer: o relatório considera o distrito de Viana do Castelo como prolongamento da «zona deprimida do interior» pelo que a sua integração na sub-região litoral quebra a «homogeneidade» desta, e noutro passo diz que a zona crítica da região Norte é constituída pelos três distritos de Viana do Castelo, Vila Real e Bragança, nesta ordem de ideias preconizando a necessidade de

«...conjugação do prolongamento dos traçados actuais das vias rodoviárias e ferroviárias com o planeamento da rede urbana e de exploração dos recursos regionais, evitando que as comunicações constituam entrave ao aproveitamento integral das potencialidades das regiões mais desfavorecidas.»

Desde já podemos adiantar que parece ter havido hesitações fundamentadas, na inclusão do distrito de Viana do Castelo na sub-região litoral da região do Norte, colocando-o ao lado dos distritos de Braga e do Porto, quando tudo pareceria indicar que ele devesse, por diversas razões, ser integrado na sub-região interior da região Norte.

Consoante se alcança dos elementos e quadros de págs. 410 e ss., Vol. I do relatório, a situação de Viana do Castelo quanto à remuneração do factor trabalho, sendo metade da de Lisboa, coloca o distrito na última categoria, tanto nas actividades agrícolas como nas activi-

dades não agrícolas. A taxa de crescimento das remunerações no decénio de 1953-54/1963-64 é a mais elevada na agricultura, com 7,5%, mas isso deve-se a que, no início do período considerado, essas remunerações se situavam muitíssimo a baixo de quaisquer outras praticadas no País. Em contrapartida, a taxa de crescimento de remunerações das actividades não agrícolas, para o período considerado, é das mais baixas, com 3,7%. Do quadro comparativo das diferenças salariais em relação a Lisboa resulta que a situação no distrito de Viana do Castelo é das piores, e mesmo a pior, em certos casos. A capitação dos rendimentos no distrito é a pior, em 1964, com Vila Real e Bragança, e, se levanta cabeça na produção industrial, isso acontece no concelho de Viana, mercê dos Estaleiros Navais; ocupa desfavorável posição quanto ao ritmo de crescimento e nível de produtividade. É o terceiro distrito do Continente no exodo pela emigração, com a taxa de 7%, consoante se alcança do quadro de pág. 436, I Vol. Vale a pena citar este passo do relatório:

«...os números parecem comprovar que um dos factores que ocasionaram a saída da mão-de-obra foi o nível salarial existente nos respectivos distritos, particularmente no que se refere ao sector agrícola. Por outro lado, essa saída de trabalhadores reflectiu-se sobretudo no nível dos salários rurais, intensificando o seu crescimento em ritmo superior ao da média geral.

Do exposto, pode inferir-se a necessidade de valorizar progressivamente o nível das remunerações de acordo com a evolução da produtividade e do custo de vida, em ordem a obstar às repercussões negativas, tanto sob o ponto de vista social como económico, que, em geral, são inevitáveis quando as alterações salariais resultam de tensões hesitantes no mercado de mão-de-obra.»

De tudo o que fica dito, resulta que no relatório se reconhece que o distrito de Viana do Castelo:

- a) Prolonga a zona deprimida do interior que é a mais pobre do País;
- b) com Vila Real e Bragança participa da zona crítica da região do Norte;
- c) dispõe de índices de trabalho dos mais baixos;
- d) das mais elevadas taxas de emigração;
- e) quebra a homogeneidade da sub-região litoral.

A isto acrescentaremos que o distrito de Viana do Castelo só é litoral no concelho de Viana e

em parte do concelho de Caminha — que por isso são os mais desenvolvidos — ficando os restantes oito concelhos na zona interior, quase nos limites de Vila Real e na contiguidade da parte mais pobre do distrito de Braga.

OS ESTUDOS DO GRUPO CASTRO CALDAS

Um grupo de trabalho encabeçado pelo Prof. Eng. Eugénio de Castro Caldas procedeu a interessantes estudos sobre Regiões Homogénias no Continente Português — Primeiro Ensaio de Delimitação (Lisboa, 1966) que vieram a lume sob a égide do Instituto Nacional de Investigação Industrial e da Fundação Gulbenkian. Esse volume contém muitos elementos úteis para a questão sobre que nos estamos debruçando, e os seus autores concluem que a delimitação de regiões homogéneas no Continente português exige a partição do distrito de Viana do Castelo por duas regiões distintas, uma das quais, mais evoluída abrange os concelhos de Viana e Caminha, ambos no litoral e com alguns incipientes vestígios de industrialização, incluindo-se os restantes concelhos na extensa região do nordeste transmontano com projecções também para a Beira Alta. Os indicadores utilizados para a repartição regional estão referidos a págs. 182 e ss. da obra citada, e os dados que procurou obter-se para cada concelho, previamente a tal repartição, são referidos a pág. 184. O mapa n.º 37 daquela obra apresenta as regiões homogéneas segundo os níveis de desenvolvimento e é essencial para a compreensão do critério proposto.

De tudo se conclui — do relatório do Plano e dos estudos do grupo Castro Caldas — que pressionantes e fortíssimas razões indignam o distrito de Viana do Castelo para ser abrangido nas medidas excepcionais de promoção e desenvolvimento previstas para a região do Nordeste, com a salvaguarda das condições específicas da zona litoral, designadamente Viana do Castelo, o seu rio e o seu porto de mar. É um distrito a que urge deitar mão, um distrito carecido da atenção carinhosa dos poderes públicos.

Aliás, incentivos do Plano vão aplicar-se fundamentalmente à criação de pólos industriais e

«...deverá ser estudada a possibilidade da sua extensão parcial às zonas consideradas críticas, quer pela debilidade da sua economia, quer pela exigência das suas actividades predominantes.»

Este critério, que poderia criar motivos de esperança para o meu distrito, é um tanto ensonado, nesse aspecto, quando, nas orientações fundamentais do planeamento regional encontramos definida esta linha directiva:

«...a procura da harmonia do crescimento à escala regional será condicionada pelas potencialidades próprias de cada região. Na prática, isso traduzir-se-á numa política de concentração dos investimentos naquelas zonas que apresentem maiores potencialidades, contribuindo para uma melhor coerência regional entre recursos efectivamente utilizáveis e estrutura produtiva, na medida em que investimento é condicionado pelas potencialidades reais de cada sector.»

Deixo ao Governo a ponderação deste aspecto capital, colvista ao enquadramento regional do meu distrito nas condições de melhor expectativa e mais justo benefício quanto a objectivos do Plano.

E chego a outro ponto das minhas considerações.

O Plano prevê que serão vadas a cabo diversas obras fiscais de defesa e estabilização de margens e leitos, bem como recuperação e enxugo de diversas zonas apauladas, nelas incluindo a bacia do Lima. Essa obra está a par de outras aproveitamentos hidroagrícolas, nomeadamente nas bacias do Te Vouga, Mondego, Caia, Vale Vilarica, Cova da Beira, Cam de Vila Real de Santo António e Castro Marim, etc. Prevê-se para todas estas obras, a partição de quatrocentos e trinta mil contos pelo Orçamento Geral do Estado, além do recurso a outras fontes de financiamento.

O RIO LIMA — URGÊNCIA NA DISCIPLINA DAS SUAS ÁGUAS

Confrontando esta rubrica com a do planeamento regional verifica-se que neste se refere o Plano de Rega do Alentejo, o Plano do Ordenamento Hidráulico da Bacia do Mondego, quando tudo o mais diluído inexpressivo e vago «et cetera». Quer isto dizer que, não estando expressamente consignado no Plano a obra de ordenamento hidráulico do rio Lima, na do Castelo não pode deixar de clamar pela sua realização de importância decisiva para a economia da região.

(Cont. no próximo número)

AUXÍLIAR O HOSPITAL LAR DE S. JOSÉ, COM NATIVOS PARA A FÉ DO NATAL